

O CAPITAL TECNOLÓGICO E A IDENTIDADE LABORAL DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR NA CONTEMPORANEIDADE

Dayse Maciel de ARAUJO (ESPM SP)¹

www.espm.br

RESUMO

No século 21, vivemos em sociedades complexas, de futuro incerto e muito distante da previsibilidade idealizada pelos modelos apoiados em racionalidade e estruturas engessadas das identidades sociais reinantes até poucas décadas atrás. Woodward (2014, p.32) argumenta que podemos passar por experiências de fragmentação em várias esferas da vida, entre elas, as provocadas por mudanças nas práticas de trabalho. Busquei nos relatos do cotidiano dos docentes os elementos para conhecer a sua identidade laboral relacionada à interface da comunicação e do consumo e interpretar como é construído o seu capital tecnológico.

Palavras-chave: cultura digital e identidade; comunicação e consumo; professor universitário.

ABSTRACT

In the 21st century, we live in complex societies of uncertain future and far from the predictability idealized by the models supported by rationality and embedded structures of social identities reigning until a few decades ago. Woodward (2014, p. 32) argues that we can go through experiences of fragmentation in various spheres of life, including those brought by changes in work practices. I searched the daily reports of teachers for the elements to know their work identity related to the interface of communication and consumption and to interpret how their technological capital is built.

Keywords: digital culture and identity; communication and consumption; university professor.

INTRODUÇÃO

“Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando. Existe, em suma, na vida moderna, uma diversidade de posições que nos estão disponíveis – posições que podemos ocupar ou não. Parece difícil separar algumas dessas identidades e estabelecer fronteiras entre elas” (WOODWARD, 2014, p.31).

¹ Doutora e Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (São Paulo), membro do grupo de pesquisa CNPq: COMUNICAÇÃO, CONSUMO E IDENTIDADES SÓCIO-CULTURAIS, coordenado pela Profª. Dra. Marcia Perencin Tondato. E-mail:; daysema@terra.com.br; dmaraujo04@gmail.com.

Abro este artigo destacando uma reflexão de Woodward (2014) para pontuar que, no século 21, vivemos em sociedades complexas, de futuro incerto e muito distante da previsibilidade idealizada pelos modelos apoiados em racionalidade e estruturas engessadas das identidades sociais reinantes até poucas décadas atrás. A autora argumenta que como indivíduos podemos passar por experiências de fragmentação em várias esferas da vida, entre elas, as provocadas por mudanças nas práticas de trabalho e na produção e consumo de bens e serviços (p. 32). Portanto, para estudar a identidade do docente universitário na sociedade contemporânea, buscou-se estratégias científicas para compreender como os aspectos sócio-comunicativos e as práticas de consumo da atualidade se refletem nas relações identitárias que se estabelecem nessa complexidade.

Este artigo apresenta a importância da interface Comunicação e Consumo no âmbito da constituição da identidade dos professores do Ensino Superior na atualidade e os resultados parciais da pesquisa empírica que integrou a tese de doutoramento da autora, defendida e aprovada em 2018. Um dos objetivos do estudo foi conhecer as apropriações de sentido dos conteúdos comunicacionais digitais que circulam pela internet pelos professores de diferentes áreas do saber como as Ciências Exatas, Ciências Sociais Aplicadas e Artes, no cotidiano e no exercício profissional. Outro objetivo foi identificar o consumo de materialidades, experiências e de informação por professores universitários, de diferentes áreas do saber, na construção do seu capital social, econômico, cultural e tecnológico.

Para refletir sobre esse processo, que se entende como complexo, traz-se Edgar Morin que defende a natureza complexa das identidades (MORIN, 2011) e, assim, para analisá-las, é exigido um olhar analítico transdisciplinar. Ao abordar o tema da complexidade, Morin (2011) aponta que se deve buscar a complexidade lá onde ela “aparece em geral ausente, como, por exemplo a vida cotidiana” (MORIN, 2011, p. 57). O sociólogo e filósofo francês lembra que o Romance, notadamente as obras de Balzac e Dickens na virada do século 19 para o 20, mostra que a vida cotidiana é, de fato, “uma vida em que cada um joga vários papéis sociais, conforme esteja em sua casa, no seu trabalho, com amigos ou desconhecidos” (Idem). Buscou-se nos relatos do cotidiano, os

elementos para interpretar a identidade dos docentes baseada na interface da relação comunicação e consumo.

IDENTIDADE EM SENTIDO AMPLO

A identidade é uma construção estritamente social. Os sujeitos não se definem ou são definidos por sua natureza, ou pela forma que nascem, mas pela forma como vivem em sociedade. São vários os vetores que configuram a identidade. Um deles, essencial para esta investigação, é o consumo. Na atualidade, a identidade no âmbito da cultura do consumo tanto pode significar liberdade quanto escravidão aos próprios desejos e submissão às opiniões alheias, em um contexto de competição com vistas à distinção. Slater (2002) afirma que a sociedade contemporânea passou a dominar o indivíduo tanto por meio dos objetos e interesses, que se tornaram essenciais para satisfazer necessidades, mas também “para o indivíduo ser e encontrar uma identidade” (SLATER, 2002, p. 86). Nesse aspecto foi observado como os docentes consomem dispositivos tecnológicos para se atualizarem e se colocarem em condição de igualdade em relação aos seus alunos que, às vezes, têm acesso a novas informações antes do professor, conforme relatou o **professor de TI**:

“o professor tem que estar cada vez mais atualizado porque se ele bobear um pouquinho, deixar um pouquinho de estudar, ele fica para trás em relação aos alunos”.

Dessa maneira, o professor, de alguma forma, se sente preso pela necessidade de consumir informações constantemente para não ser visto pelas opiniões alheias, no caso, os seus alunos, como um “docente ultrapassado”.

O que se observa, mais especificamente com relação ao consumo de informação na atualidade, é que a posse de maquinários para a comunicação pela internet tem, sim, um caráter de consumo conspícuo (por exemplo, para os fãs de uma marca, é imperioso possuir o modelo mais recentemente colocado no mercado), mas não é isso que, hoje, prioritariamente, mobiliza os docentes pesquisados. Percebeu-se que os entrevistados de três áreas do saber fazem diferentes usos das funcionalidades dos dispositivos digitais e se preocupam mais com o conteúdo do que com a posse de um item específico. O historiador Frank Trentmann (2017) disse que não é sem razão o uso

do adjetivo ‘material’ junto da palavra ‘cultura’ na expressão ‘cultura material’. E explicou que, na década de 1980 e nos anos 90, quando proliferaram os estudos sobre o consumo, os historiadores se inspiraram nos antropologistas que analisavam os significados culturais dos bens e como estes são constitutivos das identidades e das representações. No entanto, para ele, ficou claro, nos últimos anos (e após estudar a história do consumo dos últimos cinco séculos), que as coisas não são apenas portadoras de significados ou valor simbólico, no âmbito da comunicação, porque os bens materiais possuem formas e têm uma função, nós fazemos coisas com eles (TRENTMANN, 2017, p. 17). Esse é um ponto importante no estudo, que tem como foco o consumo que os docentes universitários fazem do que está “dentro” das máquinas, dos impressos ou do que é apreendido em uma experiência, algo intangível, mas que proporciona conhecimento, portanto, o foco é o consumo de informação.

Tendo isto como princípio, o objetivo foi compreender a constituição do professor universitário, com base em autores e conceitos que ajudem a refletir sobre a identidade no contexto da ambiência comunicativa da contemporaneidade delimitada na atividade de trabalho dos docentes.

As atividades laborais, segundo Alonso (1999), são constitutivas da identidade profissional e estão em mutação na contemporaneidade, conforme discorre em seu artigo *Crisis de la sociedad del trabajo y ciudadanía: una reflexión entre lo global y lo local*. Ele discute a expressão “valor trabalho” partindo do pressuposto que, se este é um eixo central nas sociedades contemporâneas, do que estamos falando quando falamos de trabalho? O autor argumenta que o trabalho é uma construção social referenciado a um contexto histórico, a um sistema de relações simbólicas que se desenvolvem no seu entorno: “*el trabajo no es un hecho universal que signifique lo mismo en cualquier sociedad, en cualquier tiempo y en cualquier cultura.*” (O trabalho não é um fato universal que significa o mesmo em qualquer sociedade, em qualquer momento e em qualquer cultura”, em tradução livre, ALONSO, 1999, p.7). E afirma que o trabalho, ao qual nos referimos na atualidade, passa por um forte processo de fragmentação, de individualização e de perda de referências relacionadas às instituições.

O CAPITAL SOCIAL, CULTURAL E TECNOLÓGICO E ECONÔMICO NA SOCIEDADE EM REDE

Para Passarelli, o final do século 20 é marcado pela reconfiguração da “educação, assim como outras dimensões da vida e cultura humanas” (PASSARELLI, 2010, p. 16). A pesquisadora sustenta que é este o contexto no qual os dois lados do processo de aprendizagem, docentes e discentes, “são crescentemente desafiados a serem construtores ativos do seu próprio conhecimento, processo no qual a intuição e a descoberta são elementos privilegiados e fundamentais” (Idem).

Seguindo uma lógica de modelo aberto e interacional, e com novas relações de poder horizontalizadas, emerge daí um novo agente social, ao mesmo tempo consumidor e produtor de informações, como explica Islas:

esse novo conceito, já hoje amplamente aplicado ao estudo das interações comunicativas no ambiente virtual, foi antecipado por McLuhan e Barrington Nevitt em 1972, a partir da convicção de que a tecnologia eletrônica permitiria ao usuário dos sistemas de comunicação assumir simultaneamente as ações de produtor e consumidor de conteúdos (ISLAS, 2017, p. 4).

Vale destacar que o ambiente propício para o aparecimento deste fenômeno é a chamada Web 2.0, no qual o conceito de literacia se expande trazendo novas lógicas e narrativas, como aponta Junqueira (2014):

nestas ganham corpo a hipertextualidade, a interatividade, a desterritorialização e a horizontalização das relações de poder. Para a interação em rede, os indivíduos têm que ser capazes de comunicar-se nas e pelas novas linguagens reconhecendo as práticas sociais e os gêneros textuais envolvidos nas interfaces multimidiáticas (JUNQUEIRA, 2014, p. 206).

Como resultado dessa literacia há o “engajamento dos indivíduos com suas comunidades, contextos, valores demandas e interações políticas e sociais tornam-se sujeitos ativos de sua educação, aquisição de conhecimentos e atuação social.” (PASSARELLI, JUNQUEIRA e BOTELHO, 2012, p. 15). No limite, esses autores defendem que se as literacias digitais se desenvolverem permanentemente há a possibilidade de uma sociedade melhor com “uma perspectiva emancipadora e

libertadora na medida em que os agentes podem tornar-se sujeitos ativos de sua educação, aquisição de conhecimentos e atuação social." (Idem).

Seguindo essa linha argumentativa, frise-se que o cientista social norte-americano Joseph Straubhaar (2013, p. 60) ao analisar a influência dos meios de comunicação tradicionais (principalmente TV) e as novas plataformas que surgiram com a disseminação da transmissão de dados pela internet, advoga que as identidades na sociedade contemporânea são múltiplas, híbridas e sedimentadas em camadas. Ressaltou que essas camadas se formam quando as pessoas vivenciam novas experiências com diferentes graus de intensidade: as mais marcantes seriam proporcionadas por viagens ou moradia em outros países, pela adoção de uma nova religião e aprendizagem de outro idioma enquanto as menos intensas, mas também importantes, ocorrem quando se adquire conhecimento por meio de novas plataformas de comunicação. Straubhaar apontou também para uma nova identidade dos sujeitos contemporâneos: o cosmopolita. Estão inseridos diretamente na economia global, provavelmente vivem em cidades globais como Hong Kong, Xangai (e talvez em São Paulo), têm acesso ao capital cultural da mídia global, viajam para vários países para estudar e/ou trabalhar, aprendem outros idiomas e, nas redes sociais, incluem em seus grupos de amigos pessoas de diferentes países. Diante das ambiência comunicativa e dos reflexos das formas de comunicação diversificadas e velozes, que reconfiguram dimensões da vida humana, conforme apontado por Passarelli (2010); Passarelli, Botelho e Junqueira (2012); Islas (2017), Straubhaar (2013, 2017) foi compreendido que para estudar as identidades dos professores universitários deveria separar a identidade pessoal da identidade profissional, investigando no contexto da atualidade nos quais estão integrados os sujeitos em comunicação, como se compõe o seu **capital social, cultural e tecnológico**.

O **capital social**, no âmbito da atividade laboral, de acordo com a visão de Dubar (2012) inclui as relações com parceiros (patrões, colegas, clientes, público, etc.) e é marcada por percursos, por imprevistos, continuidades, rupturas, êxitos e fracassos. Para Straubhaar (2017) inclui-se também no capital social as conexões do sujeito com outros de comunidades locais, regionais, nacionais e globais.

O **capital cultural**, segundo o sociólogo Mike Featherstone (1995, p.148) a partir de Bourdieu (1987) considera, dentre outros itens, a qualificação educacional dos sujeitos legitimada por instituições prestigiadas pela sociedade. Além da educação formal, Straubhaar (2017) inclui no capital cultural o domínio de idiomas, a aprendizagem por meio de experiências vivenciadas em viagens e a habilidade de acessar fontes de informação diversificadas. Este ponto também é abordado por Passarelli e Junqueira (2012) que defendem a necessidade de um deslocamento do foco teórico dos estudos e das pesquisas relacionadas à inclusão digital para mapear, caracterizar e estudar as diferentes literacias (tradução literal do inglês “literacy”) indo além da competência de leitura e escrita, no contexto da sociedade em rede.

O **capital tecnológico**, segundo Straubhaar (2017), compreende a habilidade de acessar as funcionalidades dos dispositivos eletrônicos e digitais, mas vai além de ter competência para manusear, trata-se de entendermos que tipo de decisão uma comunicação do ambiente digital é ressignificada e apropriada pelo sujeito. Esse aspecto está relacionado neste estudo, principalmente, na investigação sobre o consumo de informações por meio de aplicativos, *softwares* e dispositivos de comunicação pela internet. Estudar o capital tecnológico dos docentes universitários da atualidade é importante porque há uma ilusão que com o desenvolvimento da tecnologia os professores seriam dispensáveis, podendo ser substituídos por dispositivos digitais.

O CONTEXTO DA ERA CONTEMPORÂNEA

A contemporaneidade – cunhada de *modernidade tardia* (JAMESON, 1996), *pós-modernidade* (HALL, 2006), *modernidade líquida* (BAUMAN, 2001), entre tantos outros termos –, na qual os avanços tecnológicos condicionam vários âmbitos da vida, inclusive o modo como nós, sujeitos, pensamos nela, nas esferas pública e privada, afeta diretamente a forma como nossas identidades são constituídas.

O jornalista Carlos Rydlewski (2018, *on-line*) sumariza as principais transformações como tendo sido: a primeira, a Revolução Industrial (1820-1870), que mecanizou a produção com o uso do vapor e deu início à migração da população do campo para as cidades onde se instalaram as fábricas. A segunda (1870-1980), a

utilização da energia elétrica para a produção em massa, que reformulou a vida em sociedade. E a terceira (1980-2010), quando vieram os computadores e a internet, originando novos paradigmas (ainda em estudo) no âmbito social e econômico. Nesse cenário, sem referencial e deslocado, o sujeito “pós-moderno”, como pontua Hall (2006), tem seu caráter e suas práticas em constante mutação para se adaptar às mudanças, tanto na convivência em sociedade, como na interação com as máquinas.

Desprovido de identidade fixa, de essência e permanência, o sujeito “pós-moderno” é representado ou abordado a partir dos contextos socioculturais nos quais está envolvido, assumindo identidades distintas em momentos distintos. Essa possibilidade é utilizada pelo professor de Animação Digital como uma forma de representação de si mesmo para interagir e se comunicar com os alunos. E, ainda, como relatado por um entrevistado que ministra aulas para executivos de grandes empresas, as suas escolhas de consumo não se prendem ao restaurante da moda frequentado por celebridades e, sim, por uma preferência pessoal quanto à culinária, podendo ser um lugar simples no bairro em que reside.

A constituição identitária dos docentes, relacionada à sua atividade de trabalho, é mutante e flexível, e, de certa forma, instável porque é influenciada por condições externas interventoras, mais especificamente, depende da imagem da instituição de ensino a qual está vinculado como também do comportamento dos alunos em relação ao comprometimento no processo ensino/aprendizagem. O professor se sente valorizado socialmente quando está vinculado a uma instituição de prestígio e interage com alunos interessados em adquirir conhecimento.

Recorrendo ao pensamento de Giddens (1990) sobre as mudanças rápidas que “desorganizam” as práticas sociais, na sociedade moderna, infere-se que esse processo pode ser uma das causas do que o senso comum nomeia como “crise de identidade” ao se referir ao sujeito da atualidade, que está imerso em mudanças a todo o momento. Lembrando que a “identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2011, p. 9), pode-se depreender que essa nova ordem

comunicativa em que hoje se vive, que compõe toda ambiência comunicativa, muito contribui para que se perceba um sujeito fragmentado e em busca de novas identidades.

Além da fragmentação, Hall também fala em “deslocamento” para o que recorre ao pensamento de Ernest Laclau (1990), que usa esse conceito para descrever as características das sociedades modernas que não têm um centro único articulado por uma única “lei” e sim vários centros de poder que provocam constantes “descentramentos”. Conforme citado por Hall (2011), Laclau argumentou que o deslocamento das identidades, que poderia provocar conflitos e até desintegração, não é em si negativo, pois abre espaço para a desarticulação das identidades rígidas do passado. Já para Featherstone (1995), o que é relevante na situação contemporânea é a capacidade de deslocar a moldura, de mover-se entre vários focos, de lidar com um leque de material simbólico pelo qual várias identidades podem ser reformadas em situações diferentes.

No estudo realizado, foi encontrada essa situação do ponto de vista da relação atividade-estilo de vestimenta em um dos pesquisados, o professor de Animação Digital. A sua forma de se apresentar, com cabelos longos presos no estilo “rabo de cavalo”, barba comprida, vestido com camiseta de banda de rock, jeans e tênis, não corresponde ao “padrão” da maioria dos professores universitários com título de mestre e que leciona em uma escola tradicional. No entanto, ele explicou que a sua forma de se vestir e se mostrar gera uma convivência afável junto aos alunos, que respeitam o seu conhecimento, acatam as suas exigências, ao mesmo tempo em que é respeitado pela gestora que o convidou para ser coordenador dos cursos ligados à sua área. Ele utiliza drones (ou VANTs, Veículos Aéreos Não Tripulados) para fazer imagens aéreas, portanto, a sua forma de se vestir não é compatível com o padrão “calça social, camisa, sapato” dos ambientes internos de uma escola e dessa forma, o professor assumiu uma outra identidade para o vestuário, mais próxima dos seus alunos, com mais liberdade e menos tradição.

Ainda sobre o contexto cabe mencionar as ponderações da pesquisadora Bernadete Angelina Gatti (PUC-SP), que estudou a identidade dos professores

universitários sob a ótica da Psicologia da Educação. Para Gatti (2005), a passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação, de uma sociedade segura para uma sociedade plural e instável, gerou crises que designam um período de dificuldades, embora também incorporem aspectos positivos e negativos (p. 604). A autora se importa em debater sobre o que conservar, “que modismos evitar, quais valores, práticas e identidades são, em princípio, dignos de respeito e por que, entre tantas questões (GATTI, 2005, p. 595)”. E alerta que, na sociedade que ela denomina como "informático-cibernética", os educadores são chamados a priorizar o domínio de certas habilidades a ela relacionadas e, “os que não possuem as habilidades para tratar a informação, ou não têm os conhecimentos que a rede valoriza, ficam totalmente excluídos. Fossos e diferenciações entre grupos humanos estão abertos (GATTI, 2005, p. 603)”. Para enfrentar essa realidade, Gatti provoca: “o pesquisador precisa colocar-se a possibilidade de surpreender-se, senão, por que pesquisar?” (p. 606). Porque os ambientes escolares e similares são atravessados pela mídia, por normas, por crenças e por valores extrínsecos.

A CONSTRUÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR CONTEMPORÂNEO

Com relação aos atributos observáveis, constatou-se que os professores de diferentes áreas do saber estão conectados de modo ativo e interativo às práticas comunicativas digitais. Todos possuem computador de mesa ou notebook *laptop* e *smartphone*; acessam e-mail e trocam mensagens por WhatsApp/SMS diariamente, bem como acessam as redes sociais (Facebook, Twitter, LinkedIn etc.).

Eles pesquisam informações na web no mínimo semanalmente. Em geral, sobre clima, trânsito, localização em mapas; acompanham blogs e visitam sites de notícias (Valor Econômico, Estadão, Folha de S.Paulo, Globo-G1, Reuters, UOL, Terra, Veja, Época, Carta Capital, New York Times, The Guardian, El País, BBC, etc.) para ler sobre esportes, política, negócios e empresas, educação superior, etc.

Assistem a filmes ou ouvem música em plataformas como YouTube, Vimeo, Netflix etc. e a maioria já utilizou o comércio eletrônico e realizou transações financeiras por meios digitais, inclusive por meio de aplicativos de bancos.

A maioria usa a internet para se aprofundar no conteúdo da disciplina que ministra aulas, para enviar arquivos, indicar fontes de consulta para os alunos elaborarem trabalhos e acessarem conteúdos durante a aula. Ou seja, embora oriundos de outra época de consumo material de informações, parecem estar conformados à essa nova realidade. A velha “pasta do professor” no setor de cópias das universidades já dá espaço a novas formas de compartilhamentos de textos e de conteúdo.

Esses sinalizadores indicam que os professores da amostra possuem capacidade de fazer uso de computador e *smartphone* para acessarem plataformas de conteúdos variados e aplicativos de interação entre pessoas, portanto, fazem parte dos denominados “migrantes digitais”, que são capazes de se comunicarem nas e pelas novas linguagens, reconhecendo as práticas sociais e os gêneros textuais envolvidos nas interfaces multimídias (JUNQUEIRA, 2014, p. 206).

A pesquisa evidenciou que os professores entrevistados convivem e interagem diariamente com a internet em busca de informações, tanto de caráter científico quanto de exposição de sua produção profissional. Várias são as possibilidades, desde a plataforma YouTube que substitui mídias físicas para a divulgação de novas bandas de música para o Professor de Música até as plataformas *Research Gate* e LinkedIn que facilitam o encontro de profissionais ou pessoas interessadas em determinado tipo de assunto, científico ou não, e propiciam compartilhamento de arquivos, fóruns de discussão e busca de publicações armazenadas. Do ponto de vista identitário, podemos depreender que a sede por conteúdo e curiosidade podem ser lidas como características típicas de professores que veem, na internet e nas plataformas, meio de acessar mais informações sobre os seus temas de interesse:

Prof. ADMINISTRAÇÃO: *uma coisa que tem me ajudado muito hoje em dia é o Research Gate, né? [...]o pessoal tem usado até o LinkedIn pra tirar dúvida.*

***Prof. MÚSICA:** o SESC é um “super” canal de trabalho para músicos [...] eles recebem um e-mail com um link com uma página no YouTube com 6 – 7 vídeos e pronto, é muito legal, já vê alguma coisa com um visual interessante, já é audiovisual.*

***Prof. GAME:** na Academia faz tempo que se pensa novas técnicas, metodologias ativas de aprendizagem, os games entram como uma dessas possibilidades.*

Nas falas dos docentes, foi recorrente a constatação da dependência cotidiana dos alunos em relação à internet e às redes sociais sem que se deem conta do uso excessivo em relação ao mundo digital, sem filtro e sem o fator da crítica quanto ao conteúdo. Percebe-se em suas falas uma crítica muito forte, por parte dos professores, em relação ao fator alienante das redes sociais e ao consumo excessivo delas. Essa crítica denota a falta de entusiasmo desses com redes sociais digitais, conforme os comentários a seguir:

***Profa. CINEMA:** no Brasil, você tem um grande número de pessoas que são deslumbradas com tecnologia, são deslumbradas com essa coisa toda, principalmente com rede social e eu vejo que é muito viciante e as pessoas não se dão conta de como elas estão viciadas.*

***Prof. ANIMAÇÃO:** Facebook. E eu não dou conta [...]você vai olhando, olhando, caiu 30 vezes no mesmo lugar e perdeu meia hora ali. [...]Amigos que têm filhas um pouco mais velhas, já estão adolescentes, falam “olha, fica esperto com essas coisas de redes sociais aí que é perigoso”.*

Com relação à constituição de sua identidade, no cenário contemporâneo caracterizado pela presença da tecnologia digital, os professores têm consciência de que estão assumindo um papel diferente como educadores. Considero que há uma decepção em relação ao uso das facilidades das ferramentas disponíveis na internet como dispositivos de aprendizagem. Os docentes não percebem que o aprendizado tenha atingido melhores patamares qualitativos, quando comparado à sua própria geração, e ainda apontam uma tensão crescente no embate escola *versus* internet:

***Prof. MÚSICA:** hoje, fazer um trabalho é muito fácil, assim vai no Wikipédia cópia e cola, acabou, [...]isso não significa que o aluno está mais qualificado, que ele sabe falar melhor a respeito das coisas, não é, pelo contrário, acho que a minha geração entende mais de informática do que eles.*

Prof. CINEMA: *o professor, ele é um orientador mais do que nunca. É um coordenador, um orientador, um estimulador e ele não pode ser mais aquele professor que está ali despejando[...] Mais do que nunca não pode ser, mas por outro lado, eu vejo o sistema [...]transforma a sala de aula quase num palco de conflitos.*

Prof. ADMINISTRAÇÃO: *[plataformas digitais]. Eu acho que tem que evoluir muito. [...]. Essas são coisas que ainda tem que melhorar, né? Em termos de didática, se você quiser que isso chegue mais próximo do aluno.*

A maior parte dos docentes concorda que a internet é útil como ferramenta de trabalho, principalmente pela flexibilidade de acessar informações a qualquer momento e em qualquer lugar, entretanto, indicam que o consumo em excesso de seus conteúdos sem critério possa levar a uma seleção inadequada da informação.

Há um consenso entre a maioria dos docentes que saber inglês facilita para melhor usufruir do conteúdo *on-line* e, em contrapartida, a própria *web* proporciona a ampliação do conhecimento de outros idiomas.

Não obstante a internet ser uma ferramenta de comunicação digital, nem todos concordam que uma aula *on-line* seja tão eficaz quanto uma aula presencial e ainda não se veem, como por muitos é previsto, apenas no papel de orientadores no ambiente de interação pela internet. Outro ponto a destacar é que os entrevistados acreditam que as tecnologias de comunicação digital melhoraram o relacionamento entre os alunos, mas não entre professores e alunos.

A despeito das dificuldades e desafios do dia a dia na profissão os docentes sentem-se motivados quando alcançam resultados positivos e recebem o reconhecimento:

Professor de TI: *“Eu acho que a imagem perante a maioria é boa, gostam, admiram, já escreveram na agenda agradecendo por ter dado aula, por ter sido um diferencial na vida”.*

Professor de Games: *“Para minha felicidade, pelo menos os alunos que eu tive nos últimos anos não quiseram mudar de orientador, quiseram ficar comigo”*

Professora de Matemática: *[referindo-se a um professor de quem foi aluna] “a aula dele era fantástica e ele criou vários livros de Matemática para o Ensino Superior e também para o Ensino Médio”.*

Professor de Música: “Eu não tenho vergonha de ser professor, pelo contrário, eu gosto de ser professor. [...]. Se eu falo que eu sou professor com mestrado de música, as pessoas ficam interessadas. Essa é uma coisa que tem status. [...]Dentre esses alunos, deixa eu escolher um, tem alguns que são geniais, fantásticos, tem um cara hoje que trabalha com propaganda e que certamente você já ouviu dezenas de músicas que ele compôs, e esse é um cara que eu tenho em altíssima conta como músico, como pessoa, sei lá, como pai. Exemplo de menino, acho que está fazendo 30 anos por agora, e ele é um cara que também me tem em alta conta, então eu gosto que ele goste de mim”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de trabalho é feita, ao mesmo tempo, de relações com parceiros (patrões, colegas, clientes, público, etc.) inseridas em situações de trabalho, marcadas por uma divisão do trabalho, e de percursos de vida, marcados por imprevistos, continuidades e rupturas, êxitos e fracassos. A socialização profissional é, portanto, esse processo muito geral que conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo próprio (DUBAR, 2012, p. 358). **O professor é um profissional que tem sua identidade constantemente afetada por essa socialização profissional**, seja por sua interação com as pessoas (colegas, superiores, estudantes), pelas sua literacia no âmbito da cultura digital refletida na habilidade de se comunicar, consumir e transmitir informações *on-line* e *off-line* e ainda pelo vínculo com instituições de ensino diferenciadas no que tange à qualidade do ensino. Tudo isso constrói e reconstrói sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Luis Enrique. *Crisis de la sociedad del trabajo y ciudadanía: una reflexión entre lo global y lo local*. Universidad Autónoma de Madrid. Política y Sociedad, 31, Madrid, 1999, p. 7-35. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO9999230007A>>. Acesso em: 17/11/2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DUBAR, Claude. **A construção de si pela atividade de trabalho**: a socialização profissional. Cadernos de Pesquisa, v.42, n.146, p.351-367, maio/ago. 2012.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Nobel, 1995.

GATTI, Bernardete Angelina. Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, no. 126, p. 595-608, set./dez. 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISLAS, Octavio. *La sociedad de la ubicuidad, los prosumidores y un modelo de comunicación para comprender la complejidad de las comunicaciones digitales*. In: **Razón y Palabra**, no 65, 2008. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/N/n65/varia/oislas.html>>. Acesso em 17/11/2018.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio. **Literacias digitais no ensino-aprendizagem de professores: uma abordagem netnográfica dos cursistas do programa Redefor-USP**. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo na área de concentração das Interfaces Sociais da Comunicação, 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Hélio; BOTELHO, R. E. F. Netnografia no programa de inclusão digital 'Acessa SP'. Em: **Comunicação e Educação**, ano XVII, no. 1, jan-jun 2012.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Hélio. **Gerações interativas Brasil: crianças e adolescentes diante das telas**. São Paulo: Escola do Futuro (USP), 2012.

RYDLEWSKI, Carlos. Da era do capitalismo à era do "talentismo". Valor, Eu & Fim de semana. **O destino do trabalho**. Ano 18, no. 894, 12/01/2018.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

STRAUBHAAR, Joseph. *Sedimented, hybrid and multiple? The new cultural geography of identities*. **MATRIZES**, ano 7, no. 1, jan/jun 2013, p.59 -93.

TRENTMANN, Frank. **Empire of things: how we became a world of consumers, from the fifteenth century to the twenty-first**. New York (NY-USA): HarperCollins, 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014, p. 7-72.

III Jornada Internacional GEMInS

27 A 30 DE AGOSTO DE 2018

UFSCar Universidade Federal
de São Carlos

